



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ARTES VISUAIS E MÚSICA

DÉBORA FERREIRA MARTINS

EDUCAÇÃO DO CAMPO OU EDUCAÇÃO RURAL? DIFERENÇAS E IMPACTOS
NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO DO CAMPO EM ESCOLAS DO TOCANTINS

PARANÁ/TO
2020

DÉBORA FERREIRA MARTINS

**EDUCAÇÃO DO CAMPO OU EDUCAÇÃO RURAL? DIFERENÇAS E IMPACTOS
NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO DO CAMPO EM ESCOLAS DO TOCANTINS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Orientador: Prof^ª. Dra. Suze da Silva Sales

PARANÁ/TO
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- M386e Martins, Débora Ferreira.
Educação do Campo ou Educação Rural? Diferenças e Impactos na
Formação do Cidadão do Campo em Escolas do Tocantins. / Débora Ferreira
Martins. – Arraias, TO, 2021.
31 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo, 2021.
Orientadora : Suze da Silva Sales

1. Educação do Campo. 2. Educação Rural. 3. Particularidades. 4. Saberes .
I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

DÉBORA FERREIRA MARTINS

**EDUCAÇÃO DO CAMPO OU EDUCAÇÃO RURAL? DIFERENÇAS E IMPACTOS
NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO DO CAMPO EM ESCOLAS DO TOCANTINS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Defendida e aprovada em: 08 de maio de 2020.

Banca examinadora formada pelos professores:



Prof^a. Dr^a. Suze da Silva Sales – Presidente (Orientador)
Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alessandro Rodrigues Pimenta – Membro Efetivo
Universidade Federal do Tocantins

Prof^a. Dr^a. Raquel Alves de Carvalho – Membro Externo
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por ter me dado não somente o dom da vida mas, também, saúde para poder realizar todos os meus sonhos, me dar forças e disposição para conseguir me manter firme durante estes quatro anos de muitas lutas, renúncias e dedicação, por me dar sabedoria para fazer boas decisões durante essa trajetória da qual me orgulho muito de concluir.

Estendo minha eterna gratidão à minha família, que sempre foi minha base, em especial, à minha avó Dalila Barbosa Tavares, que tem me incentivado em meus estudos e em tudo que me proponho a fazer quando o assunto é meu futuro.

À minha tia, Joaquina, e sua família que, com todo carinho, abriu suas portas para me receber em sua casa, logo no começo da minha jornada na UFT.

Aos meus colegas de aula, gratidão pelas trocas de experiências e apoio. Não posso deixar de citar as minhas amigas Jucilene, Ângela, Miraci e Gislene, que me ajudaram e me apoiaram em meios a todas as dificuldades da vida acadêmica.

À minha mãe, Maria Jesuíta Ferreira Martins, que mesmo não estando presente, sempre me fez acreditar que eu poderia conseguir tudo aquilo que me propôs-se a fazer com dedicação.

De modo especial, à família Xavier, que também me apoiou e me adotou como parte da família ao longo desse tempo, ao meu namorado Leandro Xavier Rocha que me apoiou e me acompanhou, me encorajando a não desistir mesmo quando estava difícil.

Aos professores, cujas contribuições foram indispensáveis ao meu processo formativo, contribuindo para apreensão do conhecimento pessoal e profissional.

De modo especial, agradeço à professora Dra. Suze a Silva Sales, que aceitou prontamente me orientar e passar um pouco do seu conhecimento para o desenvolvimento do trabalho.

Ao professor Euler Rui, com quem também sempre pude contar para me dar ensinamentos acerca do campo da educação.

Não posso esquecer de citar aqui os professores das escolas “Soldadinho Eva Nildes” e “Sebastiana Marinho”, da escola “Kagados”, bem como da professora Enithi, que contribuíram respondendo algumas das questões discutidas aqui em meu trabalho.

Finalizar este curso, para mim é, sim, uma grande conquista, pois vendo minha mãe se lamentar por não ter feito nem o Ensino Médio completo, tendo que passar por tantas

dificuldades para conseguir um bom emprego, vivendo hoje com menos de um salário mínimo, me faz pensar em querer ser melhor para, um dia, conseguir dar a ela e meu irmão coisas que apenas sonhamos hoje.

É, também, motivo de orgulho pessoal, ver que estou, depois da faculdade, com pensamentos e atitudes diferentes e poder retribuir toda luta e investimento que minha avó teve ao longo desses 25 anos, cuidado de mim. Portanto, nunca desisti, mesmo quando ouvia de muitos que eu não conseguiria, ou que eu deveria tentar outra coisa. Sei que isso é só um começo, porém, tenho a certeza de que termino essa etapa da minha vida com mais coragem e disposição para continuar correndo atrás de meus sonhos e objetivos.

RESUMO

Esta pesquisa teve por finalidade debater a Educação do Campo e a Educação Rural e suas influências na formação do indivíduo do campo. A pesquisa partiu da seguinte questão: qual modelo caracteriza, a partir das escolas investigadas, a educação que é ofertada às populações rurais alvo da pesquisa, a Educação Rural ou a Educação do Campo? Saber se o modelo prevalente pode contribuir na construção da identidade social dos estudantes, trabalhando a partir da realidade onde os mesmos estão inseridos, é um aspecto que entendemos crucial nas políticas para Educação no país e em seus entes federados. Para ampliar nossas informações, realizamos uma pesquisa bibliográfica, trazendo alguns teóricos que puderam contribuir com a pesquisa. A Educação do Campo está centrada em uma aprendizagem que valoriza não só os saberes acadêmicos, mas, também, saberes adquiridos pelos estudantes em suas comunidades. Em razão disso, pretendemos levantar alguns pontos quanto à postura do educador em sala de aula. Não temos a intenção de criticar a metodologia utilizada em sala, mas sim, investigar até que ponto isso pode contribuir ou não na formação social dos estudantes que vão à escola aprender, é papel do professor transmitir o conhecimento, porém é direito dos estudantes participar da construção desse conhecimento, o que a Educação do Campo vem buscando proporcionar.

Palavras-chave: Educação do Campo. Educação Rural. Particularidades. Saberes.

ABSTRACT

This research aimed to discuss Rural Education and Rural Education and their influences on the formation of rural individuals. The research started from the following question: which model characterizes, from the schools investigated, the education that is offered to the rural populations targeted by the research, Rural Education or Rural Education? Knowing whether the prevailing model can contribute to the construction of students' social identity, working from the reality where they are inserted, is an aspect that we believe is crucial in the policies for Education in the country and in its federated entities. To expand our information, we conducted a bibliographic search, bringing in some theorists who were able to contribute to the research. Rural Education is centered on learning that values not only academic knowledge, but also knowledge acquired by students in their communities. As a result, we intend to raise some points regarding the educator's posture in the classroom. We do not intend to criticize the methodology used in the classroom, but rather to investigate the extent to which it may or may not contribute to the social formation of students who go to school to learn, it is the role of the teacher to transmit knowledge, but it is the right of students to participate in construction of this knowledge, which the Education of the Field has been trying to provide.

Keywords: Rural Education. Particularities. Knowledge.

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Concepção de Educação Rural.....	20
Quadro II – Concepção de Educação do Campo	21
Quadro III – Quadro III – Como acontece o planejamento pedagógico do professor.....	22
Quadro IV – Recursos e materiais que se com maior frequência nas escolas.....	22
Quadro V – Existência de trabalho desenvolvido fora da sala de aula.....	23
Quadro VI – Existência de materiais pedagógicos específicos para realidade do campo.....	23
Quadro VII – Avaliação do transporte escolar que é oferecido aos alunos do campo.....	23
Quadro VIII – Avaliação quanto à merenda escolar servida aos alunos do campo.....	24
Quadro IX – Avaliação quanto ao trabalho pedagógico em salas multisseriadas.....	25
Quadro X – Visão sobre a existência de tempo para que o aluno do campo auxilie as famílias no trabalho doméstico/na propriedade.....	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 EDUCAÇÃO RURAL E DO CAMPO: ASPECTOS GERAIS E CONCEITOS.....	12
3 COLETA E ANÁLISE DE DADOS	20
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICES	30

1 INTRODUÇÃO

Pensar a Educação do Campo, considerando o processo evolutivo e as lutas enfrentadas por tal modalidade de educação, possibilita a retomada de seu percurso histórico, que se torna importante para a compreensão sobre o ensino que vem sendo desenvolvido há muitos anos no campo e “para” a população rural. Trata-se de um percurso que vem sendo constituído ao longo do século XX¹ por diferentes perspectivas, quer seja do enfoque na manutenção da cultura, do combate ao êxodo rural e exaltação do meio rural, quer seja na reafirmação da necessidade de uma educação condizente com os anseios das populações do campo.

Com essa proposição, não se pretende criar, muito menos inventar, uma nova historiografia da educação, tendo em vista que os apontamentos que delinearemos já foram discutidos por vários teóricos, inclusive alguns deles serão apresentados no decorrer deste estudo, trazendo suas contribuições para com o desenvolvimento da aprendizagem no campo e para o campo.

O interesse pelo estudo dessa temática parte, inicialmente, da proximidade com a realidade dos trabalhadores do campo. Na vivência com os professores no curso de Licenciatura em Educação do Campo – Artes e Música, foi possível ver de perto algo que antes de ingressar em uma faculdade não se tinha noção: da luta por uma educação de qualidade e condizente com a realidade rural ou mesmo da importância da educação como um dos fatores necessários à superação da pobreza no campo brasileiro.

Durante a preparação para futura educadora, surgiu algumas indagações, a saber, qual seria o papel quanto à formação acadêmica e social dos futuros alunos? Como poder-se-ia contribuir, de alguma forma, para o futuro dos mesmos? Sendo moradora em uma cidade pequena, que tem uma grande concentração de alunos advindos do campo, devido ao fechamento de muitas escolas rurais, considerou-se necessário um olhar mais de perto acerca dessa realidade tão próxima, porém, tão descuidada ao ver de muitos, inclusive de gestores, que não são sensíveis às especificidades do campo e de seus moradores, quando decidem fechar escolas, levando crianças e adolescentes para a sede do município, mudando totalmente sua vida e seus hábitos.

¹ A referência ao século XX remete ao ideário do Ruralismo Pedagógico, corrente cujo pensamento apontava para a necessidade da escola rural enaltecer a vida no campo e o trabalhador rural para, dessa forma, contribuir no projeto de campo que no Brasil, combatendo, dentre outros problemas, o êxodo rural, que estava se agravando no país. Cf.: SÁ, E.; SILVA, M. (2014).

À medida que se fala em concepção de educação no campo, no meio acadêmico, via de regra, sugere pensar um ensino elaborado a partir e com movimentos sociais, onde os sujeitos rurais, organizados em coletivos, são os personagens principais da análise, indivíduos da ação pedagógica.

Para buscar respostas à questão da investigação, traçamos como objetivo geral descrever de que forma os pressupostos da Educação do Campo podem contribuir para o processo de formação dos sujeitos do campo, tendo como base a integração entre os saberes da academia e os saberes locais. Definimos como objetivos específicos: Discutir de que modo a Educação do Campo tem atuado na perspectiva da valorização da cultura dos sujeitos do campo; Distinguir Educação do Campo de educação rural; Descrever as ações e/ou estratégias empregadas pela Educação do Campo com vistas ao desenvolvimento de uma educação que possa ser compatível com os saberes e tradições dos sujeitos do campo sem perder o diálogo com o conhecimento da academia.

Para alcançarmos os objetivos desta investigação, optamos pela abordagem qualitativa, pela sua relevância em proporcionar a compreensão de sentidos e interpretações da teoria histórico-cultural e por possibilitar, ainda, a percepção da simultaneidade e as interações entre os elementos pesquisados.

Como estratégia metodológica, tomamos por base a pesquisa de campo, com o intuito de entender como ocorreu o processo de ensino-aprendizagem no campo, tendo como instrumentos de coleta a entrevista semiestruturada. Para desenvolvimento, utilizamos formulários para anotações e o celular para gravações das entrevistas com perguntas que se complementam, tendo como eixo norteador um roteiro elaborado em cima do tema aqui discutido.

A construção do caminhar teórico-metodológico partiu de revisão bibliográfica e estudo documental abordando, em especial, a Educação do Campo e a formação de professores para que tenha um olhar voltado para realidade campesina, sendo estes articulados às contribuições da concepção histórico-cultural vivenciadas pelo homem do campo.

Para tanto, a construção foi delineada e está sistematizada em seis seções², visando a melhor organização e compreensão do texto. A primeira seção traz a apresentação do estudo, seus direcionamentos, motivações e organização. A segunda busca o olhar atento à deficiência visual e às especificidades da cegueira, abordando as nuances da educação especial no Brasil.

² Foram utilizadas para a formatação da dissertação as orientações contidas no manual da Universidade Federal do Tocantins.

Trata-se de uma construção que perpassa o amparo legal sobre a acessibilidade dessas pessoas.

Assim sendo, a pesquisa tem a finalidade de analisar tanto os impactos da educação dada de forma errada ao homem do campo como também destacar pontos relevantes na formação da identidade de um indivíduo de maneira que venha a contribuir com sua comunidade, não deixando de lado suas crenças, costumes e valores como parte de um grupo (obs.: reorganizar os parágrafos e decidir se vai deixá-los no início da introdução ou aqui mesmo no final da introdução).

2 EDUCAÇÃO RURAL E DO CAMPO: ASPECTOS GERAIS E CONCEITOS

Para iniciar o percurso teórico da presente pesquisa, propõe-se apresentar a Educação do Campo a partir de discursos e análises de autores que se debruçaram sobre as questões norteadoras das etapas da pesquisa e que serão importantes para o entendimento da temática e posterior pesquisa de campo.

Em se tratando de Educação do Campo, pode-se afirmar que a pesquisadora Caldart (2012) tem muito a contribuir, pois apresenta a Educação do Campo da seguinte forma:

A Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos Sem Terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de Reforma Agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade (CALDART, 2011, p.15).

Essa sinalização das origens da chamada Educação do Campo, ainda hoje, é muito utilizada para explicar o contexto da sociedade brasileira que, mesmo com as lutas pela posse e produção da terra, continua dividida em espaços simbólicos avaliados como “modernos” e “atrasados” e sua gente como “bárbara” e “civilizada”. A experiência empírica possibilita afirmar, com certa segurança, que até pessoas que vivem em pequenas cidades, com todas as características do rural, discriminam e tecem juízo de valor a respeito de pessoas que vivem no campo, diminuindo-as, fazendo com que se acredite que se trata de cultura inferior, ou até mesmo sem cultura (CARVALHO, 2016).

Para discorrer sobre Educação do Campo precisamos entender que essa não é uma continuidade da Educação Rural. Há uma diferenciação não só em termos linguísticos, mas em concepções de educação. Uma se difere da outra no que concerne ao universo cultural dos sujeitos do campo, modelos de escola e de professores, caracterização do que pode-se considerar povos do campo no Brasil.

Em se tratando de Educação Rural, pode-se encontrar descrições do termo em 1889, com a Proclamação da República, época em que o governo cria uma pasta da “Agricultura, Comércio e Indústria” para atender os estudantes das áreas rurais. Contudo, esta fora extinta entre 1894 e 1906. Em 1909 voltou a ser discutida a educação para a população rural, no entanto, a escola como instituição de ensino para agrônomos (SIMÕES e TORRES, 2011). Com o movimento de abolição da escravidão e conseqüente fuga de trabalhadores do campo para as cidades, em busca de trabalho e condições de vida,

uma educação com as comunidades e sujeitos coletivos do campo em favor de levar ensino às populações rurais, seja ele em salas multisseriadas – com professores para atender estudantes de séries e idades diferentes, escolas nucleados no campo ou que recebem alunos oriundos das comunidades rurais.

Tendo como referência esse entendimento é que se concebe a Educação do Campo como toda ação educativa, que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher a si aos espaços pesqueiros caiçaras, ribeirinhos e extrativas dessas populações: os seus conhecimentos, habilidades, sentimentos valores, modo de ser e de produzir, de se relacionar com terra e formas de compartilhar a vida (CARVALHO, 2016).

A Educação do Campo, nas últimas décadas tem avançado nos espaços de pesquisa sobre escola pública, no esforço de construção de uma metodologia que de conta dos aspectos pertinentes à esfera rural, dando ênfase às características próprias de cada realidade, para tanto, se faz necessário um esforço de integração entre escola e comunidade, com o objetivo de conhecer a realidade a qual a escola esta imersa. Segundo Frigotto, 2011:

Na educação e pedagogia do campo, parte-se da particularidade e singularidade dadas pela realidade de homens e mulheres que produzem suas vidas no campo. Todavia, não se postula o localismo e nem o particularismo, mediante os quais se nega o acesso e a construção do conhecimento e de uma universalidade histórica e rica, porque é a síntese do diálogo e da construção de todos os espaços onde os seres humanos produzem sua vida. Educação e conhecimento apontam para uma sociedade sem classes, fundada na superação da dominação e da alienação econômica, cultural, política e intelectual. (FRIGOTTO, 2011. p.36).

Outro ponto muito importante é a formação de professores que estão inseridos nas escolas do campo, pois a grande maioria destes não possui uma formação adequada para está da zona rural, muitas das vezes são pessoas que mal terminou o ensino médio ou não tem ele ainda, que não trabalham condições estruturais para a ampliação das relações com a comunidade local. Oliveira (2010) ao fazer referência à necessidade de transformação da realidade do quadro de professores da zona rural, propondo o estabelecimento de uma Educação do Campo, destaca o perfil de tais profissionais:

Entre as transformações fundamentais para a concepção da escola do campo, encontra-se a formação dos educadores, principais agentes deste processo, mas que, muitas vezes, são desvalorizados no trabalho que exercem, e cuja atuação no meio rural é colocada como penalização e não como opção. A não viabilização para a qualificação profissional destes professores diminui sua auto-estima e sua confiança no futuro, o que os coloca numa condição de

vítimas provocadoras de novas vítimas, na medida em que realizam um trabalho desinteressado, desqualificado e desmotivado (OLIVEIRA, 2010. p.65).

Para contribuir com esse pensamento Caldart (2004, p. 156) ressalta que se trata de combinar pedagogias, de modo que se possa realizar uma educação que forme e cultive identidades, auto-estima, valores, memória, saberes, sabedoria; que enraíze sem necessariamente fixar as pessoas em sua cultura, seu lugar, seu modo de pensar, de agir, de produzir; uma educação que projete movimento, relações, transformações para o homem do campo.

Em razão disso, alguns dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) constata um expressivo contingente de pessoas que vivem no campo. Além disso, conforme documento elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira do Ministério da Educação (2006: P. 07-08):

[...] se considerarmos como critérios de ruralidade a localização dos municípios, o tamanho da sua população e a sua densidade demográfica, conforme propõe Veiga (2001), entre os 5.560 municípios brasileiros, 4.490 deveriam ser classificados como rurais. Ainda de acordo com esse critério, a população essencialmente urbana seria de 58% e não de 81,2%, e a população rural corresponderia a, praticamente, o dobro da oficialmente divulgada pelo IBGE, atingindo 42% da população do país. “Dessa forma, focando o universo essencialmente rural sugerido pela proposta do pesquisador, é possível identificar em torno de 72 milhões de habitantes na área rural”. (BRASIL. MEC/Inep, 2006: P. 07-08).

Assim, apontamos então, para o papel da escola, ou seja, a escola está na comunidade com a função de passar mais que conteúdos didáticos, mas também esta lá para, ampliar o conhecimento de mundo do sujeito, valorização da comunidade onde está inserida e reconstruir a identidade do homem do campo que vem sendo desconstruída por séculos pela sociedade e seus padrões sociais.

É preciso entender que “[...] uma escola do campo é a que defende os interesses da agricultura camponesa, que construa conhecimentos, tecnologias na direção do desenvolvimento social e econômico dessa população” (ARROYO; FERNANDES, 1999, p. 47). Ou seja, uma escola ligada ao mundo do trabalho, da cultura, da produção, também associada à luta pela terra, ao projeto popular de desenvolvimento para o campo.

Voltando a falar do início da formação da educação para o meio rural Carvalho e Castro (2014, p. 36) indaga que uma educação, no meio rural, não se constituiu, historicamente, em um espaço prioritário para uma ação planejada e institucionalizada do

Estado brasileiro. Com isso as classes trabalhadoras como o campesino foram impedidas de ter acessos a política e a serviços públicos como as classes dominantes com isso houve um aceleramento do êxodo rural, descrito a partir da década de 50. Este êxodo rural foi se deu a dois fenômenos: expulsão e atração. A expulsão, no caso brasileiro, aconteceu decorrente da modernização do Campo, que privilegiou os grandes latifundiários, não incluindo o agricultor familiar.

Sabemos que os problemas da educação no Brasil são muitos, mas, no meio rural, a situação é mais complexa. Os currículos das escolas rurais, geralmente, têm dado ênfase aos direitos básicos da cidadania e, portanto, de uma vida digna, reduzida aos limites geográficos e culturais da cidade, negando-se a reconhecer o campo como um espaço social e de constituição de identidades e sujeitos (CARVALHO; CASTRO, 2014, p.37).

Não podendo esquecer que a educação é um direito social. Uma política de Educação do Campo requer o reconhecimento de que a cidade não é superior ao campo e, a partir dessa compreensão, devem-se impor novas relações baseadas na horizontalidade e solidariedade entre campo e cidade. O campo é, acima de tudo, espaço de cultura singular, rico e diverso.” (CARVALHO; CASTRO, 2014, pag.40). No mesmo pensamento,

O ensino pode se desenvolver das formas mais variadas de construção e reconstrução do espaço físico e simbólico, do território, dos sujeitos, do meio ambiente das culturas escolares. Segundo Forquin (1992), existe um pluralismo cultural no interior das comunidades, os próprios indivíduos não escapam à lei geral da diferenciação interna. Se cada escola é única, incorpora uma diversidade de sujeitos, identidade plurais, gêneros, etnias, religiosidade, alunos e professores de culturas diferentes. (CARVALHO; CASTRO, 2014, pag.42)

Desse modo, o currículo escolar pode ser visto como um importante instrumento utilizado por diferentes sociedades tanto para desenvolver os processos de conservação transformação e renovação dos conhecimentos historicamente acumulados como para socializar as crianças e os jovens [...] (CARVALHO; CASTRO, 2014, p. 46).

Para Carvalho e Castro é necessário que a Educação do Campo esteja sempre em busca de seus direitos pensando que, é uma luta contínua, e necessária para que seja reformulada a educação que temos e a que queremos para os moradores do campo (autores, ano, Página?).

Neste caso, o desafio que se coloca é então captar as nuances contidas em conhecimentos não manifestados e disseminados pela hegemonia da excelência urbana que circulam “currículo oculto” da escola mediante a imagem do aluno da

Educação Rural como menos apto, “incapaz,” e por isso as dinâmicas curriculares tendem a ser de inferiorizadas (CARVALHO; CASTRO, 2014, p.48).

Mesmo que o campo não seja o único lugar onde a educação seja deixada de lado, ou único lugar onde ela precisa ser reformada até por que a educação em todas as áreas está precariamente necessitando de reformas, porém o descaso com os camponeses são os que mais sofrem, quando o assunto é educação, é falta de recursos, falta de professores qualificados para trilhar na escola do campo, fazendo com que muitos tenham que deixar suas terras e ir para cidade em busca de educação.

O papel da escola rural era o de preparar os povos do campo para o inevitável deslocamento para a cidade. Nesta tarefa estava presente à formação cultural, contudo não se preocupava com a questão profissional. Ao contrário do discurso ruralista, o urbanizador entende que a educação rural não deve ter por objetivo levar a fixação das pessoas no campo, pelo contrário. É defensor de ensino comum e obrigatório, que prepare o educando culturalmente, sem se preocupar em prepara-lo profissionalmente. “Esse discurso tem como preocupação central defender que não deveria haver um ensino diferenciado, pois nada justifica uma educação rural e outra urbana” (CARVALHO, 2016, p.155).

Segundo Carvalho (2016) a educação rural era vista, na maioria dos projetos educacionais, como apêndice da educação urbana, elaborados sem a participação dos sujeitos do campo. Uma educação que se limita à transmissão dos conhecimentos já elaborados e levados aos estudantes da área rural com um contexto negativo. “Educação essa que projeta um território alienado porque propõe um modelo de desenvolvimento que expulsa os trabalhadores do campo, desconsiderando sua cultura e seus modelos de vida” (autor, ano, p.167).

Sud Meducci (1944, p. 27) afirma que: “a escola rural não pode continuar a ser o que tem sido até hoje: uma escola de cidade enxertada à força no campo. Precisa ser aparelho educativo organizado em função da produção. E, logicamente, organizado em função da produção do meio a que serve”. É possível perceber a preocupação em pensar e organizar uma escola diferente da cidade, contudo, o pano de fundo era desenvolver a “conformação” pelas coisas do campo, mas com interesses em “servir” a cidade.

É necessário pensar em uma educação que seja voltada para o homem do campo de forma que possa respeitar e vivenciar a realidade do homem do campo.

Uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito. Também

pelos desafios da sua relação com o conjunto da sociedade. Se for assim, ajudar a construir os povos do campo como sujeitos organizados e em movimentos. Por que não há escolas do campo sem a formação dos sujeitos sociais do campo, que assumem e lutam por um projeto de futuro (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p.110).

De acordo com Arroyo, Caldart (2011) e Molina (2011) pensar numa proposta de desenvolvimento e de escola do campo que leve em conta a tendência de superação da dicotomia rural-urbana, que seja o elemento positivo das contradições em curso, ao mesmo tempo em que resguarde a identidade cultural dos grupos que ali produzem sua vida (autores, ano, página?).

Uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito. Também pelos desafios da sua relação com o conjunto da sociedade. Se for assim, ajudar a construir os povos do campo como sujeitos organizados e em movimentos. Por que não há escolas do campo sem a formação dos sujeitos sociais do campo, que assumem e lutam por um projeto de futuro” (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p.110).

Ainda pensando em uma Educação do Campo podemos acrescentar:

São os desafios do campo em movimentos que multiplicam as lutas sociais por educação. Por sua vez são essas lutas que vão ajudando a tornar consciente este direito e vão transformando aos poucos este direito também em dever (dever de lutar pelo direito), que então se consolida em modo de ser algo inusitado, mas sim podem passar a ser um componente natural da vida no campo. A escola deve ser vista como uma das dimensões do processo do processo de formação das pessoas, e não como algo especialíssimo, para cuja obtenção tudo o mais deva ser abandonado. Sair do campo para estudar, ou estudar para sair do campo não é uma realidade inevitável, assim como não são imutáveis as características, marcadamente alheias à cultura do campo, das poucas escolas que o povo tem conseguido manter nele (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p.111).

Para que esse modelo de educação funcione, não é só em estrutura e material que deve ser pensado como também professores que tenha um olhar voltado para uma expectativa de educação que coincide com a realidade campesina.

Da mesma forma, os educadores e as educadoras comprometidos com a Educação do Campo (as) com ideais pedagógicos humanizadores e libertários, precisam dispor-se a ajudar os sujeitos do movimento social a fazer a leitura pedagógica de suas próprias ações a fim de que isto se transforme em matéria-prima para a

constituição do ambiente educativo da escola. Não basta dizer ou saber que o movimento educa; é preciso compreender como isto acontece e como pode ser traduzido na cultura escolar. Assim como é necessário que os sujeitos destas ações educativas reflitam sobre elas e as transformem em aprendizados conscientes e articulados entre si, e que já possam ficar como herança para seus descendentes. Ajudar a fazer isto é tarefa dos trabalhadores da educação, que já foram mexidos ou tocados pelo Movimento (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p. 119).

E ainda mais:

Olhar a escola como um lugar de formação humana significa dar-se conta de que todos os detalhe que compões o seu dia a dia, estão vinculados a um projeto de ser humano estão ajudando a humanizar ou a um projeto de ser humano, estão ajudando a humanizar ou a desumanizar as pessoas. Quando os educadores se assumem como trabalhadores do humano, formadores de sujeitos, muito mais do que apenas professores de conteúdos de alguma disciplina, compreendem a importância de discutir sobre suas opções pedagógicas e sobre que tipo de ser humano está ajudando a produzir e a cultivar. Da mesma forma, as famílias passam a compreender por que não podem deixar de participar da escola e de tomar decisões sobre seu funcionamento” (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p. 120).

Ter a sensibilidade necessária para compreender este movimento e o preparo pedagógico suficiente para retrabalhar, significar isto no dia a dia da escola, é uma tarefa grandiosa e necessária para educadores e educadoras comprometidos política e pedagógica com este projeto de ser humano, de campo, de país, de mundo (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p.122).

Construir o ambiente educativo de uma escola é conseguir combinar num mesmo movimento pedagógico as diversas práticas sociais que já sabemos ser educativas, exatamente porque cultivam a vida como um todo: a luta, o trabalho, a organização coletiva, o estudo, as atividades culturais, o cultivo da terra, da memória, dos afetos (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p.122).

Trata-se de um jeito de pensar e de fazer a escola que se produz da lição de que não se pode centrar um projeto educativo em uma só pedagogia, por mais educativa que ela seja. Não há uma prática capaz de concentrar em si mesma, e de uma vez para sempre, todas as potencialidades educativas que ela seja. Não há uma prática capaz de concentrar em si mesma, e de uma vez para sempre, todas as potencialidades educativas necessárias à formação humana multidimensional, unilateral, na expressão de Mark. É o movimento das práticas e da reflexão sobre elas que constitui o movimento pedagógico que educa os sujeitos. E o desafio de educadores e educadoras é exatamente garantir a coerência deste movimento de práticas em torno de valores e de princípios que sustentem um determinado projeto de ser humano, de sociedade (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p.123).

A Educação do Campo deve ser um projeto abraçado por todos para garantir bons resultados e continuidade do educando na rede de ensino e menos evasão nas escolas.

A tarefa principal da coletiva de educadores é exatamente garantir o ambiente educacional da escola educativo da escola, envolvendo educandos e também a comunidade em sua construção. Para isto precisa ter tempo, organização e formação pedagógica para fazer a leitura do processo pedagógico da escola (relacionado, como vimos, ao processo pedagógico da escola para fazer a leitura do processo pedagógico da escola (relacionando, como vimos ao processo pedagógico que acontece fora dela), assumindo o papel de sujeito do ambiente educativo, criando e recriando as estratégias de formação humana e as relações sociais que constituem. Isto que dizer avaliar o andamento do conjunto das atividades da escola, acompanhar o processo de aprendizagem/formação de cada educando, auto avaliar sua atuação como educadores, planejar os próximos passos, estudar juntos...” (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p.125).

As diferenças entre escola no campo e escola do campo são pelo menos duas: enquanto escola no campo representa um modelo pedagógico ligado a uma tradição ruralista de dominação, a escola do campo representa uma proposta de construção de uma pedagogia. Tomando como referência as diferentes experiências dos seus sujeitos: os povos do campo (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p.142).

O nome ou expressão Educação do Campo já identifica também uma reflexão pedagógica que nasce das diversas práticas de educação desenvolvidas no campo e/ou pelos sujeitos do campo. É uma reflexão que reconhece o campo como um lugar onde não apenas se reproduz, mas também se produz pedagogia; reflexão que desenha traços do que pode se constituir um projeto de educação ou de formação dos sujeitos do campo (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p.154).

Nessa busca por uma Educação do Campo construído concepções mais amplos de educar. Quanto a nós educadores aquele cujo trabalho principal é o de fazer e o de pensar a formação humana, seja ela na escola, na família, na comunidade, movimento social, tanto educando as crianças, os jovens, os adultos ou os idosos. Deste modo todos somos de alguma forma educadora, mas isto não tira a especialidade desta tarefa: nem todos temos como trabalho principal educar as pessoas e conhecer a complexidade dos processos de aprendizagem e de desenvolvimento do ser humano em suas diferentes gerações.

3 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A presente pesquisa foi desenvolvida no mês de agosto de 2019, com 3 profissionais de Educação do Município de Paranã, Estado do Tocantins, sendo 1 professora de escola rural, uma de escola urbana e uma coordenadora de escola urbana.

A escolha das escolas foi realizada tendo em vista a localização das mesmas e, no caso das escola urbana, destacou-se, para a seleção, a que recebesse maior número de alunos advindos do campo e usuários do transporte escolar. Foi pensado na coleta de dados como um momento de aproximação da realidade do campo. Nesse contexto,

O processo da pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques. Ela se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente, de maneira que, por exemplo, a Coleta de Dados num instante deixa de ser tal e é Análise de Dados, e esta, em seguida, veículo para nova busca de informações. As ideias expressas por um sujeito numa entrevista, imediatamente analisadas e interpretadas, podem recomendar novos encontros com outras pessoas ou a mesma, para explorar profundamente o mesmo assunto ou outros tópicos que se consideram importantes para o esclarecimento do problema inicial que originou o estudo. Não obstante o que anteriormente foi expresso, a Coleta e a Análise de Dados são tão vitais na pesquisa qualitativa, talvez mais que na investigação tradicional, pela implicância nelas do investigador, que precisam de enfoques aprofundados, tendo presente, porém, seu processo unitário, integral (TRIVIÑOS, 1987, p. 135).

O perfil constatado nas respostas aponta para uma professora que tem magistério e uma professora e uma coordenadora que tem pedagogia. Dentre as professoras uma tem vinte e quatro, uma professora que está na faixa etária de idade de 40 e uma coordenadora que está na faixa etária de idade de 30. Com experiência entre 2 a 3, 5 a 6 e de 15 a 30 anos respectivos de carreira como docente em sala de aula.

As respostas foram organizadas em quadros para melhor explicitar as respostas e vão ser analisadas a partir do referencial teórico que foi constituído neste estudo.

Quadro I – Concepção de Educação Rural

Profissionais de Educação	Respostas
Professor I	A educação que é dada aos povos que moram na zona rural, e não podem frequentar as escolas na zona urbana.
Professor II	Eu acho que é uma educação voltada para alunos da zona rural.
Coordenador	É a educação que os alunos que moram na zona rural recebem.

Fonte: Questionários aplicados pela aluna pesquisadora em agosto de 2019.

O quadro I aponta que as profissionais de educação não conhecem uma definição clara do que seja uma educação rural, apenas enfocando o fato de serem escolas que situam em zona rural por isso então essa é a definição de rural. Elas desconhecem o que hoje a literatura especializada entende por educação rural. De acordo com Simões e Torres o conceito de educação rural esta ligado a Agricultura, Comércio e Indústria, de forma que possa atender os estudantes das áreas rurais visando estudos voltados ao ensino da agronomia.

O papel da escola rural era o de preparar os povos do campo para o inevitável deslocamento para a cidade. Nesta tarefa estava presente à formação cultural, contudo não se preocupava com a questão profissional. Ao contrário do discurso ruralista, o urbanizador entende que a educação rural não deve ter por objetivo levar a fixação das pessoas no campo, pelo contrário. É defensor de ensino comum e obrigatório, que prepare o educando culturalmente, sem se preocupar em prepara-lo profissionalmente. “Esse discurso tem como preocupação central defender que não deveria haver um ensino diferenciado, pois nada justifica uma educação rural e outra urbana” (CARVALHO, 2016, p.155).

Quadro II – Concepção de Educação do Campo

Profissionais de Educação	Respostas
Professor I	Seria uma educação que temos na zona rural. Como exemplo, de eu ser professora do campo por que dou aula na fazenda.
Professor II	Eu não sei
Coordenador	Acho que é uma educação que atenda às necessidades dos moradores do campo, com conteúdos diferentes dos que trabalhamos na cidade

Fonte: Questionários aplicados pela aluna pesquisadora em agosto de 2019.

No quadro II é nítido que as professoras não desconhecem o termo Educação do Campo, mesmo sabendo que é um tema que vem sendo muito discutido na área da educação ainda há essa confusão entre o termo campo e termo rural, onde muitos pensam ser a mesma coisa e não é como explicado por Frigotto (ano, página?) onde defende a Educação do Campo da seguinte forma:

Na educação e pedagogia do campo, parte-se da particularidade e singularidade dadas pela realidade de homens e mulheres que produzem suas vidas no campo. Todavia, não se postula o localismo e nem o particularismo, mediante os quais se nega o acesso e a construção do conhecimento e de uma universalidade histórica e rica, porque é a síntese do diálogo e da construção de todos os espaços onde os seres humanos produzem sua vida. Educação e conhecimento apontam para uma sociedade sem classes, fundada na superação da dominação e da alienação econômica, cultural, política e intelectual. (FRIGOTTO, 2011. p.36).

Quadro III – Como acontece o planejamento pedagógico do professor

Profissionais de Educação	Respostas
Professor I	Na escola onde trabalho, eu mesma faço meu planejamento semanal. Não temos acompanhamento, pois é só eu quem faz tudo: o lanche, a aula e cuidado da limpeza.
Professor II	Semanalmente, acompanhada pelo coordenador.
Coordenador	É semanal, na escola mesmo, com o acompanhamento de um coordenador da escola

Fonte: Questionários aplicados pela aluna pesquisadora em agosto de 2019.

No quadro III podemos ver a divergência das respostas onde uma professora que atua no campo, que tem que fazer todas as funções de sua escola sozinha por falta de recursos e acompanhamento e professores que atuam na cidade que tem matéria e apoio de outros profissionais mesmo o número de alunos de ambas as escolas são diferentes acreditamos que a importância do público que irá receber a educação deveria ser a mesma.

Quadro IV – Recursos e materiais que se com maior frequência nas escolas

Profissionais de Educação	Respostas
Professor I	O livro didático, que é o mais usado sempre, às vezes um ou outro material pedagógico, como o material dourado, a lousa, pincéis, massinhas de modelar... Não temos muito acessos a jogos, internet ou televisão.
Professor II	A lousa, os livros, televisão, e às vezes o celular pra pesquisar algo.
Coordenador	Os professores usam os livros e televisão da escola pra passar algum filme e quando tem alguma data, onde precisa ser explicado algo diferente, o retroprojeter

Fonte: Questionários aplicados pela aluna pesquisadora em agosto de 2019.

É notório que a educação ainda está muito ligada a aulas teóricas onde o conhecimento adquirido pelo educando é todo através do livro, fazendo com que o professor apenas transmita um conteúdo pronto para o aluno que terá que decorar. Isso totalmente contraria da proposta da Educação do Campo que visa não somente aulas teóricas em sala de aula mais que possibilite ao aluno praticar o que está aprendendo e compartilhar seu conhecimento adquirido em sua casa e sua comunidade. Talvez a falta de recursos seja o grande motivo dos professores optarem apenas pelos livros e atividades na lousa, porém também cabe ao professor procurar meios de se ensinar de outras maneiras, usando até recursos naturais, um bom exemplo é nas aulas de artes onde o professor pode criar pigmentações naturais para encontrar determinadas cores.

Quadro V – Existência de trabalho desenvolvido fora da sala de aula

Profissionais de Educação	Respostas
Professor I	Sim, às vezes debaixo de uma árvore.
Professor II	Não.
Coordenador	Sim, sempre fazemos projetos com os alunos no pátio

Fonte: Questionários aplicados pela aluna pesquisadora em agosto de 2019.

O que vemos é que o modelo de aula tradicional ainda é muito usado nas escolas, porém é muito importante ter um dinamismo em sala para que os alunos possam se interessar mais nas aulas e assim ter um melhoramento no aprendizado dos alunos, é preciso saber fazer uma junção de espaço cultura e conteúdo para conseguir alcançar os objetivos para cada turma ou aluno. Quem fala um pouco sobre o assunto são Arroyo, Caldart e Molina quando ressaltam a importância de construir um bom ambiente para se trabalhar em sala, combinando pedagogia as diversas práticas sociais que são educativas (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011).

Quadro VI – Existência de materiais pedagógicos específicos para realidade do campo

Profissionais de Educação	Respostas
Professor I	Não, o mesmo material usado nas escolas das cidades usamos aqui também.
Professor II	Na escola, está em falta no momento.
Coordenador	Apesar de a escola atender alunos do campo, não temos aulas específicas para esses alunos

Fonte: Questionários aplicados pela aluna pesquisadora em agosto de 2019.

O que podemos observar é que a estrutura Educação do Campo ainda é confundida, até mesmo pela área da educação, pois é comum que alunos do campo aprendam os conteúdos da mesma forma que os alunos da cidade, o que seria uma educação rural, que baseada na educação urbana só que vista como inferior, onde as salas são multisseriadas, o professor possui várias funções na escola e não recursos pedagógicos que competem com a realidade dos alunos, onde dificulta o seu aprendizado já que ele tem que estudar conteúdos com assunto que ele desconhece. A questão não é privar os alunos de conhecer o todo, mas sim conhecer o todo e aquilo que está ao seu redor, é quando o material pedagógico não condiz com sua realidade sua compreensão sobre o que está estudando se torna mais difícil.

Quadro VII – Avaliação do transporte escolar que é oferecido aos alunos do campo

Profissionais de Educação	Respostas
---------------------------	-----------

Professor I	Os alunos que estudam aqui geralmente moram aqui nos arredores mesmo.
Professor II	Na maioria das vezes é precário, sem boas condições. Às vezes os alunos faltam por que o transporte não vai buscar, têm alunos que têm que andar um bom pedaço pois os carros têm uma rota a cumprir.
Coordenador	Já tivemos muitos problemas com o transporte, os alunos faltavam muito, mas hoje está melhor.

Fonte: Questionários aplicados pela aluna pesquisadora em agosto de 2019.

Muitos alunos da rede pública de ensino precisam do transporte escolar, por tanto é extremamente necessário que o gestor público garanta condições adequadas para que os alunos possam se deslocarem de casa até a escola na qual estão matriculados. Porém de acordo com o quadro VII pode perceber que ainda temos problemas quanto a organização e permanência do transporte escolar, o que vem a prejudicar o rendimento escolar visto que o aluno fica dias sem poder ir a escola e perdendo os conteúdos trabalhados.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB Lei nº 9394/1996) é dever do estado e município oferecer o transporte escolar aos alunos da rede pública de ensino. No entanto, ainda tem que deixam de frequentar a escola, pois enfrentam muitas dificuldades para chegarem à sala de aula por falta de transporte (Brasil, 1996).

Quadro VIII – Avaliação quanto à merenda escolar servida aos alunos do campo

Profissionais de Educação	Respostas
Professor I	Por ser um número muito pequeno de alunos é boa a quantidade. Às vezes são dois a quadro meninos por turma, e apenas duas três, turmas.
Professor II	A mesma da cidade para todos.
Coordenador	Em nossa escola, oferecemos a merenda aos alunos que vem da zona rural assim que chegam, já que muitos deles saem de suas casas muito cedo. Quando os outros vão lanchar na hora do intervalo, eles lancham novamente.

Fonte: Questionários aplicados pela aluna pesquisadora em agosto de 2019.

No quadro VIII, temos mais pontos positivos que negativos, já que o aluno que mora no campo passa horas fora de casa e quando chega na escola muitas das vezes com fome, e recebem um lanche assim que chegam isso dá a eles um tempo até que chega a hora do lanche com todos os outros alunos ajudando assim em seu desempenho escolar.

Podemos dizer que a merenda escolar proporciona formas para que os alunos sejam estimulados a compreender e valorizar o hábito de uma alimentação saudável, atrair a prática de uma boa alimentação, sem falar em atitudes corretas quando o assunto é higiene. Por tanto, a boa qualidade da merenda escolar em termos nutricionais é de suma importância já que para

muitos alunos ela é a única refeição que o aluno recebe durante o todo o dia (ABREU, 1995; FNDE, 2002, P. ?).

Quadro IX – Avaliação quanto ao trabalho pedagógico em salas multisseriadas

Profissionais de Educação	Respostas
Professor I	O conteúdo é diferente, mas às vezes o nível de aprendizado das turmas não é igual. Fica difícil ensinar, às vezes, ensinar três séries diferentes em um tempo muito curto e acaba que não dá muito certo, já que é só uma professora. Quando chegam à cidade, eles têm dificuldades de acompanhar os outros.
Professor II	Nunca trabalhei em salas assim, mas acho muito complexo. Penso que cada aluno tem seu tempo de aprender e, assim, talvez não aprendam da melhor maneira.
Coordenador	Não temos salas multisseriadas, mas acredito que sejam um grande desafio, tanto para os alunos aprenderem quanto para os professores ensinarem.

Fonte: Questionários aplicados pela aluna pesquisadora em agosto de 2019.

No quadro IX as professoras relatam sobre as dificuldades de se trabalhar em uma sala multisseriadas apesar de somente uma ter vivenciado essa realidade. Quanto a essa situação exigem reflexão quanto à postura e a prática pedagógica a ser desencadeada pelo professor para que possa contribuir com a turma de modo que não venha a prejudicar ninguém.

Quadro X – Visão sobre a existência de tempo para que o aluno do campo auxilie as famílias no trabalho doméstico/na propriedade

Profissionais de Educação	Respostas
Professor I	Sim, pois eles estudam só um período. Mas acho que nessa idade eles têm que dedicar aos estudos mesmo.
Professor II	Não, às vezes passam um dia inteiro fora de casa, saem de madrugada e só voltam pela tardezinha
Coordenador	Não, já que a maior parte do tempo eles estão fora de suas casas por morar muito longe da cidade

Fonte: Questionários aplicados pela aluna pesquisadora em agosto de 2019.

Para os alunos que estudam em suas comunidades é possível ter esse tempo para ajudar suas famílias mais, para aqueles que precisam se deslocar é um pouco mais complicado, já que passam maior parte do seu tempo fora de suas casas, por tanto muitos quando vão ficando adolescentes abandonam os estudos para se dedicarem as suas atividades do campo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atualidade, é necessário avançar em formulações que rompam com a divisão rural/urbano, para a construção de uma sociedade com ações e perspectivas para o ensino da Educação no Campo. No contexto escolar, a Educação do Campo tem se destacado um estudo

amplo acerca de diferentes experiências do ensino da Educação no Campo, através dessa pesquisa nos permite ter uma compreensão abrangente de perspectivas para a atuação docente na Educação do Campo. Embasados nessa realidade, apresentamos possibilidades práticas que, centradas na realidade das escolas brasileiras e em perspectivas atuais da área Educação do Campo, buscam possibilidades aos professores de alternativas para repensar, redefinir e desenvolver propostas de ensino em seu espaço de atuação. Pudemos perceber que, a partir desta pesquisa os debates em torno da Educação do Campo, para o Campo e no Campo carece de aprofundamentos, de questionamentos, de políticas públicas, para que possamos contribuir com uma sociedade justa e igualitária. Diante de todos os problemas que a Educação no Campo enfrenta, percebemos que o desafio é grande e os estudos nesta área nos mostra algumas modo no sentido de construir um novo caminho para o Campo onde a Educação deve ser um projeto abraçado por todos para garantir bons resultados e continuidade do educando na rede de ensino e menos evasão nas escolas.

O estudo apresentado percorreu caminhos teóricos e metodológicos na perspectiva de compreender como ocorreu o processo da Educação do Campo ou educação rural e quais são seus diferentes e impactos na formação do cidadão que vivi no campo.

Para que os objetivos fossem de fato alcançados, preciso entender o real conceito de Educação do Campo e como ela é trabalhada nas escolas, um ponto importante que norteou questionários importantes sobre o papel do ensino na vida das pessoas, dando a elas forças para saberem como lutar por seus direitos.

Na atualidade, é necessário avançar em formulações que rompam com a divisão rural/urbano, para a construção de uma sociedade com ações e perspectivas para o ensino da Educação no Campo. No contexto escolar, a Educação do campo tem se destacado um estudo amplo acerca de diferentes experiências do ensino da Educação no Campo, através dessa pesquisa nos permite ter uma compreensão abrangente de perspectivas para a atuação docente na Educação do Campo.

Embasados nessa realidade, apresentamos possibilidades práticas que, centradas na realidade das escolas brasileiras e em perspectivas atuais da área Educação do campo, buscam possibilidades aos professores de alternativas para repensar, redefinir e desenvolver propostas de ensino em seu espaço de atuação. Pudemos perceber que, a partir desta pesquisa os debates em torno da Educação do Campo, para o Campo e no Campo carece de aprofundamentos, de questionamentos, de políticas públicas, para que possamos contribuir com uma sociedade justa e igualitária. Diante de todos os problemas que a Educação no Campo enfrenta, percebemos que o desafio é grande e os estudos nesta área nos mostra algumas modo no sentido de construir um novo caminho para o Campo onde a Educação deve ser um projeto abraçado por todos para garantir bons resultados e continuidade do educando na rede de ensino e menos evasão nas escolas.

Nesse cenário, mesmo a aprendizagem sendo um direito, ainda, evidencia-se negligência por parte do sistema educacional. Negligências citadas nesta pesquisa por quando ao mesmo tempo que temos teóricos que afirmam que a Educação do Campo vem sendo discutida a anos e ainda tempo professores formados da zona rural que trabalham no campo e desconhecem totalmente o conceito Educação do Campo ou quando vemos educadores afirmarem que o Campo não necessita de uma educação própria para seus moradores, pois devem se adequar a rotinas urbanas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. **Alimentação escolar: combate à desnutrição e ao fracasso escolar ou direito da criança e ato pedagógico?** Em Aberto, Brasília, v.15, n.67, p.5-20, 1995.
- ARROYO, M. G. A escola do campo e a pesquisa do campo: metas. In: MOLINA, M. (Org.). **Educação do Campo e pesquisa: questões para reflexão.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.
- ADORNO, T. W. **Dialética negativa.** Rio de Janeiro: Zahar,2009.
- AZEVEDO, A. M. B. **A concepção do ensino da leitura a partir dos gêneros textuais para os atores educacionais.** Brasília: UnB, 2013.
- BARBOSA, A. M. **Arte-Educação no Brasil.** 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012
- CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Orgs.). **I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo.** Documentos Finais. Luziânia, GO, 27 a 31 jul. 1998.
- FAIRCLOUGH, N. A dialética do discurso. In: MAGALHÃES(ORG.), I. **Discurso e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012. p. 93-107.
- GUERRA, I. C. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso.** 2. ed. Portugal: Principia, 2006. (Série Princípios). Disponível em: www.abntcatalogo.com.br. Acesso em: 27 jan. 2017.
- MOLINA, M. C. Educação do Campo e pesquisa: questões para reflexão. In: MOLINA, M. (Org.). **Educação do Campo e pesquisa: questões para reflexão.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.
- OLIVEIRA, Liliane Lúcia Nunes de Aranha; MONTENEGRO, João Lopes de Albuquerque. Panorama da Educação do Campo. In: MUNARIM, Antônio.Presidência da República Casa Civil :Subchefia para Assuntos Jurídicos
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm?utm_source=blog&utm_campaign=rc_blogpost> acesso em 23 de outubro de 2019
- Sá, E.; da Silva, M.. O RURALISMO PEDAGÓGICO: UMA PROPOSTA PARA ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA PRIMÁRIA RURAL. **Revista Educação e Cultura Contemporânea,** América do Norte, 1129 08 2013.
- SAVIANI, Demerval. **Escola pública e democracia.** 11º ed, São Paulo, Cortez, 1986.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6º ed. São Paulo:Contexto, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICES**QUESTIONÁRIO APLICADO**

Prezado (a) colaborador (a),

Este questionário se destina à coleta e análise de dados para Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido junto à Universidade Federal do Tocantins, Curso de Graduação em Educação do Campo: Artes Visuais e Música. Não é necessário se identificar.

1. Cargo/Função: _____
2. Idade: () 15 a 20 () 21 a 29 () 30 a 39 () 40 as 49 () mais de 50
3. Sexo: () Feminino () Masculino
4. Escolaridade (maior nível completo): () Graduado em _____
() Especialização () Mestrado () Doutorado
5. Observação: Especialização em: _____
6. Tempo de serviço na Escola: () 1 a 5 anos () 6 a 10 anos
() 11 a 15 anos () 16 a 20 anos () mais de 20
7. Em sua concepção, o que é Educação Rural?
8. Em sua concepção, o que é Educação do Campo?
9. Como acontece o planejamento pedagógico do professor? Quem participa?
10. Em suas aulas, que recursos e materiais costuma utilizar com maior frequência?
11. Há trabalho desenvolvido fora da sala de aula: Se sim, quais e em que espaços?
12. Há materiais pedagógicos específicos para a realidade do meio rural?
13. Em sua concepção, como você avalia o transporte escolar quanto à qualidade, ao tempo que os alunos permanecem em trânsito?

14. Em sua concepção, como você avalia a merenda escolar quanto à qualidade, a quantidade e as necessidades dos alunos, tendo em vista o tempo que engloba o trajeto de ida e volta e as aulas?
15. Como você avalia o trabalho nas salas multisseriadas. Há materiais específicos para que os professores trabalhem nessas escolas do campo.
16. Em sua avaliação, os alunos têm tempo hábil para auxiliar na produção em suas propriedades?